



BRINQUEDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, SIGNIFICAÇÃO CULTURAL E IDENTIDADE: RELATO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Drieli Fernandes Boa Sorte¹
Lidiany Ferreira Lisboa²
Glaurea Nádia Borges de Oliveira³

PALAVRAS-CHAVE: Prática Pedagógica; Perspectiva Cultural; Pibid.

INTRODUÇÃO

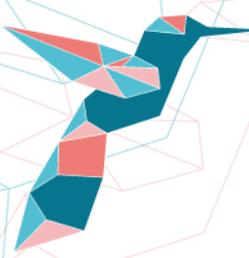
A perspectiva cultural da Educação Física (NEIRA; NUNES, 2008; 2009; NEIRA, 2011), fundamentada nos Estudos Culturais e no multiculturalismo crítico, admite que a escola, enquanto uma instituição social, é caracterizada pela confluência de diferentes culturas e, a partir disso, procura dar voz aos alunos, valorizando a experiência cultural desses cidadãos em formação, a fim de legitimar no currículo as práticas corporais dos diversos grupos sociais. Para essa perspectiva, também chamada de currículo cultural, “[...] os grupos sociais definem-se por meio de múltiplas dimensões (classe, raça, etnia, gênero, idade, profissão, religião, gostos e preferências diversas etc.), afirmando sua identidade e representação” (NEIRA, 2011, p. 37).

Sob a ótica dessa perspectiva, a construção das identidades é um processo que envolve, necessariamente, relações de poder, pelas quais se produzem as definições acerca do que se deve e do que não se deve ser – acerca da identidade e da diferença –, sendo o currículo uma das instâncias que atuam nesse processo (SILVA, 2008; 2011). Enquanto um artefato cultural e político, o currículo é configurado por permanentes disputas em torno dos significados que marcam a identidade, entre os quais se destacam os relativos às questões de gênero, raça/etnia, padrões de beleza e consumo, que compõem as análises deste relato.

Este trabalho tem, portanto, o objetivo de apresentar e discutir elementos de uma prática pedagógica fundamentada no currículo cultural, mediada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no âmbito do subprojeto vinculado ao curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. Essa prática foi concretizada nas aulas de Educação Física de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal da cidade de Guanambi/BA, e teve como foco a problematização de significados e de marcadores identitários relacionados aos brinquedos.

METODOLOGIA

A prática pedagógica que constitui este relato de experiência teve como ponto de partida a realização de um mapeamento, estratégia por meio da qual identificamos que os alunos do 2º ano relacionavam-se com a cultura corporal fundamentalmente a partir da ideia de “brincar”. Decidimos, então, que o trabalho teria como temática central os jogos e as brincadeiras. Nesse processo, construímos com a turma uma lista de brincadeiras e jogos que seriam tematizados ao longo das aulas e, como diferentes alunos fizeram referência aos brinquedos (boneca, carrinho, bola etc.) que utilizavam em suas experiências lúdicas, o tema “brinquedos” foi um dos incluídos nessa lista. Para a tematização desse elemento, solicitamos aos alunos que levassem para a escola seus brinquedos, que os apresentassem em uma roda de conversa e, logo após, brincassem com eles. No decorrer da vivência, sugerimos à turma que trocassem os brinquedos entre si, para, finalmente, problematizarmos suas reações diante



dessa sugestão e outras representações relacionadas aos artefatos que constituíam o foco daquela aula.

Para a elaboração deste relato, recorreremos aos nossos registros reflexivos, que correspondem a um recurso adotado pelo subprojeto em que estamos inseridas, no qual escrevemos sobre nossas experiências no aprendizado da docência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, mediamos uma roda de conversa na quadra da escola para que os alunos apresentassem seus brinquedos. Eles haviam trazido bonecas, bonecos, conjunto de painéis, material de cabelereiro, material de médico, carrinhos eletrônicos e manuais, motos, etc. Após a roda de conversa, ocorreu o momento da brincadeira livre. Como esperávamos, as meninas foram brincar de “coisas de menina” e os meninos de “brincadeiras de menino”.

Algumas alunas que brincavam de salão de beleza, manifestaram o desejo de ter cabelos lisos, o que identificamos como uma questão importante a ser discutida posteriormente, relacionada a estereótipos que influenciam o posicionamento das crianças desde que elas acessam os discursos que os produzem. Convidamos os alunos a trocarem os seus brinquedos com os demais, no intuito de que eles ressignificassem suas formas de brincar e, também, para evidenciar outras representações, sobretudo de gênero, relacionadas aos brinquedos. Percebemos que as meninas foram mais flexíveis em brincar com brinquedos considerados masculinos e os meninos, em sua maioria, resistiram a brincar com brinquedos considerados femininos. Apenas um menino participou da brincadeira de boneca.

Retornamos para a sala de aula, a fim de ampliar as discussões, apresentando o histórico dos brinquedos e problematizando algumas questões que o permeiam. Neira (2011, p. 136) enfatiza que “ampliar, [...] implica em recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, àqueles que trazem olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos.”

Na tentativa de identificar discursos acerca do gênero, relativos aos brinquedos, demos espaço para as crianças se expressarem:

“Menino não brinca de salão de beleza, ele tem que ser macho!”

“Homem não brinca de boneca!”

“Brincar de casinha é coisa de menina!”

A partir das falas dos alunos, procuramos discutir sobre a construção social da ideia de que determinadas brincadeiras são “de menina” e outras “de menino”, enfatizando que ambos poderiam brincar com qualquer brinquedo.

Um outro elemento problematizado em relação aos brinquedos foi a dimensão mercadológica desse artefato. Para exemplificar brinquedos de alto custo, expusemos a boneca Barbie e o boneco Ken. A boneca teve duas versões: uma de cor branca, cabelos loiros e longos, e outra de cor negra e cabelos *black power*. Diante dessas imagens, um aluno exclamou:

“Olha a tia lá!”

Ele se referia a uma de nós bolsistas, que é negra, de corpo magro, de cabelo crespo e bem curto e que, naquele dia, havia se apresentado aos alunos, pela primeira vez, com seu visual modificado. Antes, fazia uso de procedimentos químicos para tentar se adequar a um padrão de beleza caracterizado por cabelos longos e lisos. Sua nova aparência causou um

grande impacto e um sentimento de rejeição nos alunos, fazendo com que muitos deles manifestassem sua desaprovação, sobretudo as meninas.

“Nossa como você está feia, tia!”

“Não gostei, prefiro o cabelo de antes!”

“Meu Deus, que horrorosa!”

“Tia, você está com câncer?”

“Ah tia, você tem que ter cabelo bom e liso, igual o meu!”

As reações das crianças nesse momento, aliadas a algumas posturas identificadas durante a vivência anterior com os brinquedos, fizeram com que a questão dos padrões e estereótipos de beleza se tornassem objeto de discussão. Nesse sentido, procuramos, mais uma vez, confrontar o discurso dos alunos chamando-lhes a atenção para a diversidade de possibilidades de experiências e questionando as origens das hierarquizações e classificações que recaem sobre essas possibilidades.

As situações aqui descritas nos possibilitaram, enfim, reconhecer e viver a escola como um lugar de questionamento dos modos como são produzidas as representações do outro, do diferente; um questionamento que, segundo Neira (2011), constitui-se como aspecto fundamental do processo educativo, quando se tem em vista a construção de identidades democráticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho permite destacar os brinquedos como elementos formadores de identidade, pois eles interferem na construção das experiências e das significações sociais e culturais da criança. Isso implica em reconhecer a escola como responsável por oferecer um espaço para se debater o processo de constituição das identidades culturais, pois, nela, podem ser vistas as contradições que abarcam as diferentes representações existentes.

REFERÊNCIAS

- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- NEIRA, M. G. NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

¹ Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: drieligbi@hotmail.com

² Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: liddyisboa@hotmail.com

³ Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora Assistente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: gnoliveira@uneb.br